

passagem «da hermenêutica dos limites aos limites da hermenêutica». Analisando a ideia gadameriana da hermenêutica como experiência da finitude e pondo a nu as suas aporias, procura mostrar como essa experiência feita na palavra acaba por remeter a um silêncio anterior à mesma palavra, como seu *arché* e seu *télos*, e como condição de toda a hermenêutica. O décimo ensaio intitula-se «Analogia de participação e sociedade (pós-)moderna (Tomás de Aquino)». Numa temática de não fácil abordagem, J. Duque chama à colação pensadores como K. Rahner, Tomás de Aquino e M. Heidegger, e procura conjugar o conceito heideggeriano de diferença ontológica com o tomista e rahneriano de analogia de participação.

No décimo primeiro ensaio regressa a um autor português, o poeta e místico Frei Amador Arraiz, para uma «leitura trinitária» dos seus *Diálogos*. O décimo segundo versa o binómio «"Existencial sobrenatural" e antropologia cristã (K. Rahner)». Verdade e relativismo no magistério de João Paulo II é o assunto do penúltimo dos ensaios. Nele trata com clareza e distinção, embora, por força da circunstância, muito sumariamente, as ideias enunciadas no título. A coletânea encerra com uma reflexão sobre a posição de fundo de John Milbank, fundador e cabeça de fila do movimento autointitulado «Radical Orthodoxy», sobre «cristianismo e sociedade pós-secular». Nela J. Duque expõe as teses e atitudes fundamentais de Milbank, com uma pertinente adução dos seus «pontos críticos».

Teólogo e pensador de elevado nível, bom conhecedor dos mais variados autores da história filosófica como da teológica, quer do passado quer do presente, João Duque fez bem em recolher estes dispersos da sua produção filosófico-teológica, prestando assim um bom serviço à teologia fundamental

e a quantos a ela dedicam especialmente o seu interesse e o seu empenho.

JORGE COUTINHO

CODINA, Mónica, **Donde vive la libertad. Una lectura de Romano Guardini**, col. «Ensayo», Biblioteca Nueva (www.bibliotecanueva.es), Madrid, 2011, 242 p., 230 X 150, ISBN 978-84-9940-165-2.

Neste ensaio sobre o pensamento antropológico de Romano Guardini – um dos mais vigorosos pensadores católicos da primeira metade do século XX, como se sabe –, Mónica Codina, professora na Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, realça a rotura que ele decide em relação ao pensamento moderno, insistindo na humana capacidade de conhecer e realçando a sua ampliação pela abertura do homem ao horizonte da fé. Combinando harmonicamente a descrição fenomenológica da realidade – a fenomenologia estava em alta no seu tempo – com a visão filosófico-teológica cristã do mundo, abriu caminho a uma melhor compreensão do modo como se relacionam metafísica e história, ser e liberdade. Em síntese, e usando as suas próprias palavras, Guardini considera que «a maneira como o homem concebe Deus decide o modo em que vê e vive a sua própria condição humana», já que «o seu ser mais autêntico recebe-o o homem do modo como se situa a respeito de Deus». No fundo, em seu modo de ver, não uma verdadeira visão do mundo que não seja a que decorre da antropologia e não há antropologia integral que não seja uma antropologia teológica, isto é, uma visão do homem criado por Deus, decaído na condição de pecado e redimido por Cristo.

É esta antropologia que permite olhar como compatíveis o domínio de Deus e a liberdade do homem, heteronomia e autonomia, dependência de Deus e afirmação da própria identidade. Com a sua identificação da verdade com a certeza, as filosofias modernas, desde Descartes, secundarizaram primeiro, e descartaram depois, a fonte de conhecimento que é a Revelação. Resultou daí uma imagem empobrecida e desvirtuada de Deus na própria filosofia. Daí o medo de Deus, a substituir a confiança nele, bem como a alergia à adoração, compreendida como inimiga da liberdade humana.

A autora dividiu o seu ensaio em duas partes. Na primeira, procura introduzir o leitor no conceito guardiniano de cosmovisão católica do mundo e na sua crítica aos elementos que configuraram a cultura moderna. Na segunda, em sucessivos capítulos, expõe os traços fundamentais da antropologia teológica de Romano Guardini: o *Lógos* ou Palavra divina como originário do ser do mundo, o homem como imagem de Deus, a tentação e a culpa, o carácter trágico da história, a verdade revelada e o dom da fé, a adoração no quadro do domínio de Deus e da liberdade humana, a essência do cristianismo, a Igreja como mediação da acção salvífica de Deus no tempo, o sentido cristão da liberdade.

Com uma essencial bibliografia ativa (obras de R. Guardini) e passiva (estudos sobre ele).

JORGE COUTINHO

JOSSUA, Jean-Pierre, **La passion de l'infini. Littérature et théologie – Nouvelles recherches**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2011, 520 p., 230 x 145, ISBN 978-2-204-09544-0.

A paixão do infinito foi aquilo que o dominicano J.-P. Jossua – investigador, conferencista e professor de Estética no Centre Sèvres em Paris – encontrou como o que melhor poderia servir como denominador comum para este longo ensaio em que passa em revista numerosos escritores para neles detetar, ora mais em positivo ora mais em negativo, sintomas de inquietação teológica, não sendo eles teólogos mas homens de letras, e sejam eles crentes ou agnósticos. Este livro está, aliás, na continuidade de quatro outros volumes publicados com o título *Pour une histoire religieuse de l'expérience littéraire* (Beauchesne, 1985-1998).

Que a literatura pode ser vista, em muitos casos, como um «lugar teológico» é uma convicção partilhada por bastantes intelectuais, sobretudo teólogos. Jossua está entre os que partilham essa convicção. Daí o seu dedicar-se à exploração dos mais díspares escritores, compreensivelmente com predominância para os franceses, procurando ler nos seus escritos sinais daquela inquietação metafísica e teológica.

O livro está dividido em três partes. Na primeira o autor traz à colação uma série de escritores do século XIX. Leopardi abre a série, com as suas formas do «transcender», seu desejo de beleza, suas «sombras felizes», etc. Segue-se um conjunto de reflexões sobre o pensamento, a fé, a literatura e a estética em Kierkegaard. Depois é Lacordaire e o seu estilo. Baudelaire é objecto de algumas interpretações da sua ideia de religião. O último desta parte é Henri Bremond.

Na segunda parte Jossua procura estabelecer ligações de autores vários com alguns géneros literários específicos, como o diário, o romance, as reescrituras bíblicas, a linguagem mística e a linguagem poética. Ao género «diário» liga figuras exemplares, como Cesare Pavese, Gabriel Marcel e